

19.julho.1962 - 5ª Feira

Em seus bons tempos, ele seguia indiferente aos gritos de zombaria que lhe dirigiam.

Prosseguia calmamente em seu trabalho humilde mas honrado, lutando sem parar pelo seu sustento.

Às vezes a ofensa que lhe era dirigida sem motivo algum, doía em seu coração, e ele chegava a ficar triste.

Mas, a maior parte das vezes, prosseguia no seu caminhar.

E os gritos sempre se sucediam numa seqüência enervante e injusta.

Mas, se durante o dia, invariavelmente ele seguia alheio ao restante do mundo, à noite, recostado em seu leito modesto, ele não deixava de meditar tristemente sobre sua vida de pobre sacrificado e que ainda servia de chacota à gurizada.

No dia seguinte, porém, ele retornava ao seu trabalho.

Vinha do matadouro, lá na Vila Setti, até sua casa, atravessando a cidade toda, de baixo dos risos e das zombarias.

E a humilhação já era tamanha, que tinha dia que ele nem sentia mais a disposição para o trabalho.

Mas, o bom senso fazia com que ele retornasse ao seu serviço.

Aos domingos então, a tristeza era maior.

Sem um amigo, sem um conhecido com quem conversar, com quem trocar idéias, sem uma pessoa de quem ouvir uma palavra de conforto ou de carinho, ele ficava só, isolado de todos, perambulando pelas ruas da cidade.

E seus dias transformavam-se em semanas, em meses e em anos,...

Nos últimos tempos, então, ele andava mais triste ainda..

Até que, num domingo, sem que se desse conta, ele se dirigiu até a Vila Setti.

Talvez por ser ali o local em que diariamente trabalhava.

E, andando sem rumo certo, quando deu por si, estava próximo aos trilhos do trem.

Ao longe, ele ouviu um apito. Olhou preguiçosamente para a locomotiva que se aproximava resfolegando nas curvas, e de repente, sem que pudesse saber como, ele sentiu uma dor muito forte e foi lançado à distância.

O trem o pegara e o machucara bastante.

Na Santa Casa atenderam-no tão bem que ele chegava a ficar até comovido, e, baixinho, à noite chorava de agradecimento.

Mas sua vida desde aquele dia se transformou.

Quando ele saiu da Santa Casa, percebeu que já não enxergava as coisas tão bem, que já não distinguia os objetos como antigamente.

E, a cada instante, a cada dia que passava, ele ia vendo menos, ele ia sentindo cada vez mais a escuridão dele se aproximar.

Hoje, o Sebastião, o "Tião Cara Suja" que toda a guriza da hostilizava, já não é o mesmo. De manhã o encontramos. Com uma bengala tosca, andando às apalpadelas, o "Tião" está cego, o "Tião" já não pode trabalhar...

E ao lhe dar a esmola pedida, sabemos lá porque, lembramo-nos de saudade e tristeza, daqueles tempos em que ele, indiferente a tudo e a todos, subia a rua Paraná, arrastando o carrinho de madeira, sem ouvir os gritos e as zombarias...